

METÁFORAS: ESTRATÉGIAS DE TRANSMISSÃO DE IDEOLOGIA NO DISCURSO DO PAPA FRANCISCO

Victor Vago Fernandes¹

Jarbas Vargas Nascimento²

RESUMO: O propósito deste artigo é identificar metáforas como estratégias de compreensão da linguagem, do mundo e da transmissão de ideologia. Nosso objeto de estudo são fragmentos do discurso proferido no dia 22 de dezembro de 2014, pelo Papa Francisco, no encontro com os cardeais e colaboradores da Cúria Romana, para cumprimentá-los pelo Natal. Para esse estudo, baseamo-nos na contribuição de Lakoff e Johnson (2002), no que esses autores postulam sobre a função semântico-discursiva da metáfora, em diálogo com o empreendimento sociocognitivo de van Dijk (1998, 2010, 2012). Os resultados das análises apontam características peculiares do governo do Santo Padre frente à atual situação de sua instituição e permitem-nos revelar, em um primeiro momento, a importância de um estudo que ressalte a função sociocognitivo-discursiva da metáfora na transmissão de ideologia e de relações de poder.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora. Discurso. Proposta sociocognitiva. Papa Francisco. Ideologia.

ABSTRACT: The purpose of this article is to identify metaphors as strategies of both the world and language comprehension and the transmission of ideology. The object of study are fragments of the discourse delivered by Pope Francis on December 22, 2014, during the meeting with cardinals and collaborators of the Roman Curia for the exchange of Christmas greetings. We draw upon the contributions of Lakoff and Johnson (2002) as of these authors postulate about the semantic-discursive function of metaphors, in dialogue with the sociocognitive enterprise from van Dijk (1998, 2010, 2012). The results of the analysis point to peculiar characteristics of the Holy Father in the current situation of his institution which allows to unveil, in a first moment, the importance of a study which considers the discursive-sociocognitive function of metaphors in the transmission of ideology in power relations.

¹ Graduado em Letras Português/Inglês pela Faculdade Castelo Branco e Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: fvictorvago@gmail.com.

² Professor Doutor Titular do Departamento de Português e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da PUC-SP e Professor Voluntário do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: jvnfl@yahoo.com.br.

KEYWORDS: Metaphor. Discourse. Sociocognitive enterprise. Pope Francis. Ideology.

Considerações iniciais

Embora a eleição de Jorge Mario Bergoglio ao cargo mais alto da Igreja Católica não tenha sido concretizada no conclave de 2005, quando Bento XVI foi eleito para implantar um governo voltado à tradição do catolicismo, o mundo ouvia da sacada do Vaticano, no dia 13 de março de 2013, a Igreja anunciar seu primeiro Papa latino-americano. Isso fez com que um dos nomes mais cotados do conclave anterior assumisse a Cúpula Romana no momento em que a Igreja passava por complicadas denúncias de homossexualidade, corrupção, casos de pedofilia e lavagem de dinheiro, motivos que forçaram a renúncia de seu antecessor.

Em 22 de dezembro de 2014, antes mesmo de completar dois anos de pontificado, o Papa Francisco, proferiu um discurso polêmico, manifestando sua insatisfação com cardeais de sua Igreja e com os colaboradores da Cúria. O Santo Padre utilizou-se de uma metáfora bem conhecida por todos os católicos, “igreja é corpo” e elencou doenças que contaminavam o alto clero, fazendo com que o catolicismo perdesse credibilidade e quantidade de fiéis em todo o mundo. Com isso, afirmou que seria preciso curar os doentes que estavam com ele, à frente de seu pontificado.

Deste modo, a partir da metáfora “igreja é corpo”, criada pelo apóstolo Paulo e presente em diversas de suas epístolas destinadas aos primeiros cristãos, o Papa configurou quinze expressões metafóricas de possíveis doenças, que contaminavam aqueles que ocupavam os mais nobres cargos na Igreja e, como numa receita médica, prescreveu os possíveis “remédios”, com o intuito de curá-las.

Para fundamentar o estudo a que nos propusemos, utilizamos as contribuições de Lakoff e Johnson (2002), sobretudo, a função semântico-discursiva da metáfora e sua categorização acerca das metáforas convencionais. Com isso, identificamos e analisamos nos fragmentos do discurso proferido pelo Sumo Pontífice aos cardeais e a funcionários do Vaticano, sede da Igreja Católica, as metáforas como estratégias de transmissão de ideologia. Recorremos, também, ao empreendimento sociocognitivo de van Dijk (1998, 2010, 2012) no que diz respeito ao papel crucial do modelo de contexto no processo cognitivo da elaboração e configuração de metáforas e na transmissão da ideologia de um grupo.

Nesse sentido, este artigo está dividido da seguinte maneira: em primeiro lugar, recorreremos à teoria de Lakoff e Johnson (2002) e selecionamos os conceitos de metáforas convencionais, suas três subcategorias, exemplificando cada uma delas e explicitando como se dá a construção da realidade social por meio das metáforas. Em seguida, apresentamos os conceitos de discurso, modelo de contexto e de ideologia, conforme postulado por van Dijk (1998, 2010, 2012). Enfatizamos, ainda, a função essencial da cognição, lembrando que uma metáfora deve ser coerente às diversas culturas que possuem o mesmo sistema conceitual. Dando continuidade, procedemos às análises dos fragmentos do discurso escolhido e, por fim, apresentamos algumas considerações acerca de nossas reflexões sobre a função da metáfora e seu modo de transmissão de ideologia.

As metáforas convencionais constroem a realidade social

Desde os primórdios da civilização, ao desenvolver sua capacidade de se comunicar, o homem estabeleceu uma relação entre os objetos, pelo manuseio e domínio do mundo e com todas as coisas ao seu redor. Dessa forma, a linguagem, capacidade peculiar do ser humano, fez com que ele se diferenciasse dos demais animais, ao criar tudo que pudesse servir de mecanismo de sobrevivência para a manutenção de sua própria vida.

Assim, ao dominar o mundo para controlar a natureza, o homem, pela linguagem, exerceu sua capacidade de pensar e agir diante dos inúmeros desafios de sua vida cotidiana. Por meio de seu intelecto, fez com que seus pensamentos fossem materializados linguisticamente e, assim, deu nome às coisas com as quais convivia. Além disso, com o auxílio de palavras, começou a estabelecer a estabelecer relações entre objetos que, por alguma razão, mantinham proximidade ou semelhança. Em consequência disso, surgiram as metáforas como poderosos mecanismos cognitivos, muito mais do que uma capacidade linguística do ser humano, com a finalidade de garantir a intencionalidade comunicativa daqueles que as produziam e dos que participavam de determinado evento comunicativo.

A metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza.

Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo

como nos relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p.45).

Com base em Lakoff e Johnson (2002), podemos afirmar que o nosso sistema conceitual é fundamentalmente metafórico. Assim, as metáforas não se encontram na linguagem, mas no pensamento, ou seja, tendo sua origem na mente e sendo configuradas no pensamento, elas são explicitadas por meio da linguagem sob a forma de “expressões metafóricas”, nas mais variadas atividades diárias. Por isso, o processo de construirmos formas de fazer o pensamento se converter em ação cotidiana torna-se uma maneira concreta de traduzirmos nossa cultura. Desse modo, as metáforas convencionais definem o que entendemos por real e são baseadas, frequentemente, em correlações que apreendemos em nossa experiência. Elas são, por conseguinte, originárias de nossas vivências concretas, nitidamente delineadas, e permitem-nos construir conceitos abstratos e elaborados, como por exemplo: “tempo é dinheiro”.

Na cultura ocidental a qual estamos inseridos, o tempo é considerado um bem valioso; por esse motivo, na maioria das vezes, as pessoas são remuneradas pelo tempo trabalhado e não pela produtividade alcançada. Isso nos faz perceber que o tempo tem uma relação muito próxima ao dinheiro que, sendo algo material, um papel ou metal, corresponde ao valor simbólico das horas gastas para realizar um determinado trabalho.

As metáforas baseadas em conceitos físicos simples são fundamentais no nosso sistema conceitual e, sem elas, não poderíamos nos comunicar, raciocinar, enfim, viver no mundo que nos cerca.

A metáfora não é meramente uma questão de linguagem. Ela é também uma questão de estrutura conceptual. E estrutura conceptual não é simplesmente uma questão de intelecto – ela envolve todas as dimensões naturais de nossa experiência, incluindo aspectos de nossas experiências sensoriais: cor, forma, textura, som *etc* (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p.355).

De acordo com as funções cognitivo-linguísticas das metáforas, Lakoff e Johnson (2002) propõem três subcategorias para as metáforas convencionais, nomeadas como: estruturais, orientacionais e ontológicas. As estruturais são aquelas em que um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro. Para os autores, a maior parte de nosso sistema conceitual é metaforicamente estruturada, isto é, os conceitos, na sua maioria, são parcialmente compreendidos em termos de outros conceitos. Neste sentido, as metáforas

estruturais constituem um conceito abstrato a partir de outro concreto e estabelecem relações entre dois domínios, por exemplo, “igreja é corpo”.

Ao contrário, a metáfora orientacional organiza todo um sistema de conceitos em relação a um outro e tem a ver com a orientação espacial; por exemplo, “feliz é para cima”. Aqui, neste enunciado, podemos inferir a cultura religiosa a que fomos expostos, desde a mais tenra idade, e para qual a felicidade está junto de Deus, ou seja, no céu. Portanto, a expressão “pensei nas coisas do alto”, encontrada no segundo versículo do terceiro capítulo da Carta de São Paulo aos Colossenses, propõe tal atitude em que vemos a estruturação do conceito metafórico de que a felicidade é para cima, no céu, junto de Deus.

Por último, Lakoff e Johnson (2002) referem-se às metáforas ontológicas, que são baseadas em nossas experiências com objetos físicos e permitem-nos entender coisas abstratas como entidades e substâncias. Utilizamos as metáforas ontológicas para compreendermos eventos, ações, atividades e estados. Assim, quando dizemos: “não estou processando direito”, recorremos à metáfora estrutural, “mente é máquina” e com ela, ontologicamente, entendemos a “mente” (coisa abstrata) como “máquina” (objeto físico/ concreto).

Como discutido anteriormente e, de acordo com os estudos de Lakoff e Johnson (2002), a metáfora não é mera questão de linguagem, mas de estrutura conceitual que envolve, por sua vez, tanto o intelecto como as dimensões naturais da experiência, incluindo as experiências sensoriais como cor, forma, textura, som *etc.* Essa estrutura conceitual vem externar o pensamento que temos da realidade sociocultural em que vivemos e para qual construímos nossos valores e ações no desejo de reproduzir e manter nossas ideologias.

A partir dessas considerações, podemos dizer que, quando proferimos um discurso marcado por uma instituição religiosa, assumimos os valores morais e dogmáticos que a constituem e a mantem. Assim, linguisticamente, considerando o que está arquivado em nosso pensamento, construímos metáforas que se adequam aos conceitos e aos posicionamentos desta instituição. Ao criarmos metáforas cotidianas, conseqüentemente, estamos suscitando em nós e em nossos interlocutores uma compreensão clara do ganho cognitivo pelo uso de expressões metafóricas. Neste sentido, podemos inferir que o modelo de contexto é crucial para o entendimento da metáfora e que as escolhas das características entre os objetos comparados não são arbitrárias, mas motivadas, pois não dependem apenas da vontade de quem a constrói, mas

devem atender às necessidades da construção da realidade social em que foi cognitivamente configurada (no pensamento) e, posteriormente, materializada na/pela linguagem.

As metáforas podem criar realidades para nós, especialmente realidades sociais. Uma metáfora pode assim ser um guia para ações futuras. Essas ações, é claro, irão adequar-se à metáfora. Isso, por sua vez, reforçará o poder da metáfora de tornar a experiência coerente. Nesse sentido, as metáforas podem ser profecias auto-suficientes (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p.257).

Em síntese, podemos afirmar que as metáforas convencionais sejam elas, estruturais, orientacionais ou ontológicas têm o poder de criar em nós e para nós a realidade social na qual estamos inseridos ou a que fomos submetidos, desde nossa infância.

Discurso, modelo de contexto, ideologia e metáfora

O controle da mente das pessoas é, antes de tudo, o controle do discurso produzido e anunciado por aqueles que, tendo o poder social legitimado na sociedade, conseguem manter e reproduzir a dominação e a hegemonia. De acordo com van Dijk (2010, p.121), o processo de controle mental é obtido por meio de quatro momentos nos quais o grupo dominante consegue controlar o grupo dominado.

O primeiro momento, corresponde à aceitação pelos dominados de crenças, conhecimentos e opiniões dos dominantes, ou seja, os dominados receberiam, de maneira amistosa e pacífica, o discurso produzido pelos dominadores, reconheceriam neles fontes autorizadas, confiáveis ou críveis, tornando-se, inclusive, no segundo momento, os receptores do discurso dos dominantes. Por não terem conhecimento suficiente, não existiria discurso público que fornecesse informações, para que houvesse a possibilidade de crenças alternativas, terceiro momento do controle mental postulado por van Dijk (2010). Ainda, por não terem conhecimento e nem crenças necessárias, os dominados não dariam conta de questionarem o discurso ou a informação a que teriam sido submetidos, quarto e último momento do controle das mente das pessoas.

(...) os modelos mentais também proporcionam um ‘ponto de partida’ para a produção do discurso: se as pessoas representam as experiências e os eventos ou situações do dia a dia em modelos mentais subjetivos, esses modelos mentais formam ao mesmo tempo a base da construção das representações semânticas dos discursos sobre esses eventos (VAN DIJK, 2012, p.91).

Ao controlar o discurso, a Igreja, por meio de seus líderes, padres, bispos e no maior nível, seu representante máximo, o Papa, tem o domínio sobre a mente de seus fiéis e, com isso, consegue estabelecer, de maneira sutil, os modelos de contexto que atendem à ideologia de sua instituição e reproduzi-la àqueles que assumem seus ensinamentos como verdade de fé absoluta.

Temos consciência de que as metáforas são essenciais para a construção da realidade social e, por isso, permitem o processo de compreensão da linguagem e do mundo. Nesta perspectiva, a cognição torna-se fator determinante, para que sejam originadas, configuradas e explicitadas num evento comunicativo sobre a forma de “expressões metafóricas” e transmitam a ideologia daqueles que as constroem. Disto, decorre que é preciso entender que o Papa vive sob um modelo de contexto específico, o mesmo da Igreja Católica, que tem o objetivo de “anunciar a boa nova de Cristo”. E para que isso ocorra, o Papa precisa controlar as mentes de seus fiéis em todo o mundo, a fim de manter a hegemonia. Por este ponto de vista, o modelo de contexto, conforme van Dijk (2012), funciona como uma estrutura mentalmente representada de propriedades da situação social, que são relevantes para a produção ou compreensão do discurso.

Em função de sua missão, a Igreja Católica deve estar atenta às realidades sociais e, cognitivamente, desempenhar sua capacidade de controle mental, produzir e reproduzir um discurso que atenda ao maior número de fiéis de sua instituição espalhados por todas as partes do mundo. Ao trazermos aspectos sociais, cognitivos e discursivos para esta reflexão, afirmamos com van Dijk (1997), que a ideologia é uma crença fundamental de um grupo e seus membros.

As ideologias são definidas como sistemas básicos de cognições sociais fundamentais e como princípios organizadores das atitudes e das representações sociais comuns a membros de grupos particulares. Desta forma, controlam indiretamente as representações mentais (modelos) que formam a base interpretativa e a “inserção” contextual do discurso e respectivas estruturas (VAN DIJK, 1997, p. 105).

As ideologias políticas, econômicas e, particularmente, as religiosas são estruturadas em termos metafóricos, que podem esconder aspectos da realidade social. Portanto, ao falarmos da produção de metáforas, precisamos assumir a importância dessas estratégias na transmissão de uma determinada ideologia.

É relevante considerarmos a ideologia que estrutura os modelos mentais do Papa Francisco, pois ela foi adquirida por princípios católicos que constituíram todas suas vivências como indivíduo estruturado dentro de uma família tradicionalmente religiosa e,

posteriormente, dentro da Companhia de Jesus, que proporcionou sua ordenação e vivência ministerial.

Dessa forma, embora o Papa tenha revelado, na construção de seu discurso, o aspecto dinâmico e inovador de suas metáforas, ressaltamos que todo o seu conhecimento e opiniões (atitudes) foram controlados e organizados, numa perspectiva psicológica e sociocognitiva por um grupo da Igreja Católica, mais especificamente, pelos padres jesuítas, de onde recebeu sua formação filosófica e teológica, que mais tarde, o constituiu diácono, presbítero, bispo, cardeal até chegar ao mais alto cargo da Igreja, o de Papa.

O sistema conceitual e ideológico das metáforas da Igreja Católica

Todos nós já ouvimos falar ou escutamos alguma passagem da Bíblia que traz as parábolas atribuídas a Jesus Cristo acerca das mais variadas metáforas, sobretudo, de elementos do mundo físico (concreto) comparados ao Reino de Deus (conceito abstrato) que, para aqueles que têm fé, podem ser ontologicamente descritos.

Dessas parábolas de Jesus, emerge um sistema de conceitos que orientará o processo cognitivo da Igreja Católica para a elaboração das metáforas e para a reprodução de sua ideologia com o argumento de converter a humanidade ao cristianismo e obter a “salvação das almas”.

O catolicismo sempre acreditou que a verdade de fé revelada por Deus à história da humanidade se consolidou de forma plena por meio da pessoa de Cristo, descrito na Bíblia, livro sagrado dos cristãos. Dessa forma, a verdade absoluta se instaurou através da Sagrada Escritura e, até a Reforma Protestante, a Igreja Católica era a única capaz de interpretar e explicar o conteúdo metafórico desses escritos. Segundo os seus autores, os textos bíblicos teriam sido inspirados pelo próprio Espírito Santo para abordar temas morais, sociais e culturais, a fim de levar aos que neles acreditavam o profundo e autêntico conhecimento do Reino de Deus.

A Igreja Católica era quem impunha seus ensinamentos como verdade de fé, não podendo ser questionada por ninguém, pois sua doutrina era a absoluta manifestação do homem-Deus encarnado na cultura judaica e, por isso, deveria ser ensinada pelos que detinham o poder a todos aqueles que lhes eram submissos e os seguiam como líderes religiosos.

A verdade é sempre relativa a um sistema conceptual definido, em grande parte, pela metáfora. A maioria de nossas metáforas evoluiu em nossa cultura, durante um longo período, mas muitas nos foram impostas pelas pessoas que detêm o poder – líderes políticos, líderes religiosos, líderes empresariais, publicitários, a mídia etc. Em uma cultura em que o mito do objetivismo está muito vivo e a verdade é sempre verdade absoluta, as pessoas que conseguem impor suas metáforas à cultura conseguem definir também o que consideramos verdadeiro – absoluta e objetivamente verdadeiro (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p.262).

Em seus estudos sobre “metáforas da vida cotidiana”, Lakoff e Johnson (2002) afirmam que todas as culturas têm mitos e as pessoas não podem viver sem eles, assim como não podem viver sem a metáfora. Como as metáforas, os mitos são necessários para dar sentido ao que se passa ao nosso redor. Nesse sentido, os mitos são essencialmente vitais para as pessoas tanto quanto são as metáforas, pois são mecanismos de significação de experiências vividas por uma determinada comunidade cultural e expressam a ideologia de variados grupos.

Lakoff e Johnson (2002) postulam que os indivíduos, como grupos, fixam prioridades diversas, o que é bom ou virtuoso para eles de diferentes maneiras. Assim, eles se tornam subgrupos de um grupo. Com relação ao que é importante para eles, seus sistemas de valores individuais são coerentes com as principais metáforas orientacionais da cultura dominante. Como nossos valores não são independentes, eles devem formar um sistema coerente com os conceitos metafóricos, que orientam nossa vida cotidiana. Em nosso caso, o sistema de conceitos da Igreja é inscrito na Bíblia e é por meio dela que é adquirida e reproduzida a ideologia que orienta os cristãos pela busca das “coisas do alto” nas práticas ordinárias de suas vidas. Nesse sentido, a metáfora não é apenas de caráter linguístico, mas também, sociocognitivo, pois é produzida na mente, configurada no pensamento e manifestada pela/na linguagem em discursos, que atendem às necessidades de determinado grupo, que compartilha os mesmos valores e convicções culturais, ideológicas e religiosas.

A coerência e a universalidade das metáforas utilizadas no discurso do Papa

Uma metáfora é bem sucedida, quando atinge seu objetivo, a saber, a compreensão de um aspecto do conceito. Portanto, construir metáforas que sejam compreendidas pelos católicos do mundo é um dos desafios do Papa, que recorre à Bíblia como um sistema de conceitos, a fim de transmitir sua ideologia.

Quando as pessoas não partilham a mesma cultura, o mesmo conhecimento, os mesmos valores e os mesmos princípios, a compreensão mútua pode ser especialmente difícil, afirmam Lakoff e Johnson (2002). Contudo, tal compreensão é possível por meio da negociação de sentido. Para negociar o sentido com alguém, faz-se necessário, quando forem importantes, tornar-se consciente das diferenças de experiências de mundo de ambos e respeitá-las. Há, por conseguinte, a necessidade de diversidade suficiente de experiências culturais e pessoais, para se chegar à consciência de que existem visões divergentes do mundo e que elas podem ser manifestadas diferentemente.

Embora latino-americano, o Papa deve respeitar e estar atento às diversas culturas dos fiéis que constituem sua Igreja, compreendendo suas peculiaridades, a fim de produzir um discurso que seja entendido por aqueles que o ouvem e o seguem. Esta atitude faz com que o Papa não esqueça o sistema ideológico de onde teve sua formação social e cognitiva. A coerência das expressões metafóricas utilizadas pelo Santo Padre deve estar vinculada, ainda, ao sistema de conceitos que o norteia frente à ideologia bimilenar da qual se tornou o líder maior, a Igreja Católica.

Dessa maneira, o catolicismo tem uma crença compartilhada de que a posição social do Papa na história é a mesma materializada no décimo oitavo versículo do capítulo dezesseis do evangelista Mateus, em que Jesus teria dito a Pedro: “também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja e as portas do Hades³ nunca prevalecerão contra ela”, ou seja, o lugar do próprio Pedro, a quem Jesus concede a missão e a autoridade de governar sua própria Igreja.

Assim, os ritos, sacramentos, catecismos dessa Igreja estariam intimamente ligados ao “trono de Pedro” e estruturados a partir da interpretação que tal religião fizesse da Bíblia, tendo como crença compartilhada sua história de fé, originada, configurada e propagada por aqueles que fossem reprodutores da mesma ideologia do sistema conceitual dos católicos.

Os rituais religiosos são normalmente atividades de tipo metafórico que, em geral, envolvem metonímias – objetos do mundo real significando entidades do mundo tal como são definidas pelo sistema conceptual da religião em questão. A estrutura coerente do ritual religioso reflete um aspecto da realidade tal como ela é percebida por essa religião. (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p.353).

³ A Bíblia de Jerusalém traz o vocábulo Hades, do hebraico Sheol, que designa “a morada dos mortos”.

Analizando as estratégias metafóricas de um discurso de Francisco

No dia 22 de dezembro de 2014, na sala Clementina, no Vaticano, o Papa Francisco, dirigiu-se aos cardeais, como o costume de seus antecessores, para cumprimenta-los pelo Natal. Seu discurso, mais uma vez, surpreendeu a Cúria Romana, pois recorreu à metáfora estrutural “igreja é corpo”, utilizada entre os anos 50 a 51 d.C, por São Paulo, para elencar quinze doenças das quais a Cúria estaria sofrendo.

Para ilustrar o que dissemos anteriormente, identificamos, no discurso proferido pelo Santo Padre, fragmentos que comprovam a utilização de uma das três categorias da metáfora convencional proposta por Lakoff e Johnson (2002):

- (1) Quando pensava neste nosso encontro, veio-me à ideia a imagem da *Igreja* como o *Corpo* Místico de Jesus Cristo.
- (2) Faz-nos bem pensar na *Cúria Romana* como um pequeno modelo da Igreja, isto é, como *um “corpo”* que procura, séria e diariamente, ser mais vivo, mais saudável, mais harmonioso e mais unido em si mesmo e com Cristo.
- (3) Na realidade, a *Cúria Romana* é um *corpo complexo*, formado por muitos Dicastérios, Conselhos, Departamentos, Tribunais, Comissões e por numerosos elementos que não têm todos a mesma tarefa, mas estão coordenados em ordem a um funcionamento eficaz, edificante, disciplinado e exemplar, não obstante as diferenças culturais, linguísticas e nacionais dos seus membros.
- (4) Entretanto, sendo a *Cúria* um *corpo dinâmico*, não pode viver sem se alimentar e tratar. Com efeito, a *Cúria* – tal como a *Igreja* – não pode viver sem manter uma relação vital, pessoal, autêntica e sólida com Cristo.

No fragmento (4), podemos ver explícito o sistema conceitual que confirma a expressão estrutural metafórica “igreja é corpo”. Isso nos faz remeter ao conceito de que a “Cúria é igreja”, particularmente aqueles cardeais e colaboradores, no Vaticano, constituem parte da Igreja Católica Apostólica Romana, fundada por Cristo e governada, inicialmente, pelo apóstolo Pedro, tendo sua sede em Roma.

Se as metáforas convencionais definem o que entendemos por real e estão relacionadas às nossas experiências e originam-se a partir das situações concretas de nossa vida, então, o Papa representa, em termos metafóricos, sua “igreja”, sendo um “corpo humano” que está sujeito a ficar doente e cujos remédios, como numa receita médica, ele mesmo pode prescrever. Na perspectiva de Lakoff e Johnson, podemos categorizar a metáfora “igreja é corpo” como estrutural, no sentido de um conceito abstrato (igreja) ser estruturado a partir de um outro conceito, concreto, (corpo).

O Papa Francisco afirma, veementemente, que o membro da Cúria que não se alimenta diariamente de uma relação vital, pessoal, autêntica e sólida com Cristo pode se tornar um mero funcionário eclesiástico, secar, morrer e ser lançado fora:

(5) Um membro da Cúria que não se alimente diariamente com semelhante Alimento tornar-se-á um burocrata (um formalista, um funcionalista, um mero funcionário): um ramo que pouco a pouco seca e morre e é lançado fora. A oração diária, a participação assídua nos sacramentos, especialmente na Eucaristia e na Reconciliação, o contacto diário com a Palavra de Deus e a espiritualidade traduzida em caridade vivida são o alimento vital para cada um de nós. Seja claro para todos nós que, sem Ele, nada poderemos fazer.

No fragmento acima, apreendemos o modelo de contexto como fator crucial para a origem, configuração e propagação da ideologia da Igreja Católica, entre a autoridade máxima da instituição e os membros do alto clero, ou seja, os cardeais e aqueles que trabalham com eles. O fragmento do discurso proferido pelo Santo Padre, além de transmitir a ideologia de um grupo com o qual ele se identifica e que estabeleceu seu governo, traz consigo a capacidade de diagnosticar as “doenças”, que sua Igreja sofre, colocando-se na posição daquele que pode “curar” tais enfermidades e receitar as medicações adequadas para curá-las. A seguir, destacamos quinze fragmentos nos quais o Papa categoriza as doenças das quais a Cúria estaria sofrendo:

(6) A doença de sentir-se “imortal”, “imune” ou mesmo “indispensável”, descuidando os controles habitualmente necessários. Uma Cúria que não se auto-critica, não se actualiza, nem procura melhorar é um corpo enfermo.

(7) A doença do “*martismo*” (que vem de Marta), da actividade excessiva, ou seja, daqueles que mergulham no trabalho, negligenciando inevitavelmente “a melhor parte”: sentar-se aos pés de Jesus.

(8) Há também a doença do “*empedernimento*” mental e espiritual, ou seja, daqueles que possuem um coração de pedra e uma “cerviz dura”.

(9) A doença da *planificação excessiva* e do *funcionalismo*. Quando o apóstolo planifica tudo minuciosamente e julga que, se fizer uma planificação perfeita, as coisas avançam efectivamente, torna-se um contabilista ou comercialista.

(10) A doença da *má coordenação*. Quando os membros perdem a sincronização entre eles e o corpo perde o seu harmonioso funcionamento e a sua temperança, tornando-se uma orquestra que produz ruído, porque os seus membros não colaboram e não vivem o espírito de comunhão e de equipe. Quando o pé diz ao braço: “Não preciso de ti”; ou a mão à cabeça: “Mando eu”, causando assim mal-estar e escândalo.

- (11) Há também a doença do “*alzheimer espiritual*”, ou seja, o esquecimento da “história da salvação”, da história pessoal com o Senhor, do “primitivo amor”.
- (12) A doença da *rivalidade* e da *vanglória*. Quando a aparência, as cores das vestes e as insígnias de honra se tornam o objectivo primário da vida.
- (13) A doença da *esquizofrenia existencial*. É a doença daqueles que vivem uma vida dupla, fruto da hipocrisia típica do medíocre e do progressivo vazio espiritual que nem doutoramentos nem títulos académicos podem preencher.
- (14) A doença das *bisbilhotices*, das *murmurações* e das *críticas*. Desta doença, já falei muitas vezes, mas nunca é demais. Trata-se de uma doença grave, que começa de forma simples, talvez por duas bisbilhotices apenas, e acaba por se apoderar da pessoa fazendo dela uma “semeadora de cizânia” (como satanás) e, em muitos casos, “homicida a sangue frio” da fama dos próprios colegas e confrades.
- (15) A doença de *divinizar os líderes*: é a doença daqueles que fazem a corte aos Superiores, na esperança de obter a sua benevolência.
- (16) A doença da *indiferença* para com os outros. Quando cada um só pensa em si mesmo e perde a sinceridade e o calor das relações humanas.
- (17) A doença da *cara fúnebre*, ou seja, das pessoas rudes e amargas que consideram que, para se ser sério, é preciso pintar o rosto de melancolia, de severidade e tratar os outros – sobretudo aqueles considerados inferiores – com rigidez, dureza e arrogância.
- (18) A doença do *acumular*, ou seja, quando o apóstolo procura preencher um vazio existencial no seu coração acumulando bens materiais, não por necessidade, mas apenas para se sentir seguro.
- (19) A doença dos *círculos fechados*, onde a pertença ao grupo se torna mais forte que a pertença ao Corpo e, nalgumas situações, ao próprio Cristo.
- (20) E a última: a doença do *lucro mundano*, dos *exibicionismos*, quando o apóstolo transforma o seu serviço em poder, e o seu poder em mercadoria para obter lucros mundanos ou mais poder.

As quinze doenças metaforizadas pelo Santo Padre correspondem a uma metáfora estrutural que ele organiza, cognitivamente, por meio do sistema conceitual, Bíblia Sagrada, utilizando-se da metáfora estrutural contida no vigésimo sétimo versículo do capítulo doze da primeira carta de São Paulo aos coríntios, “igreja é corpo”. Nesse caso, o “corpo” (entidade ou substância concreta) pode adoecer e, em termos de expressão metafórica, interpretada como “igreja”, embora composta de pessoas, seja apreendida como algo abstrato. Por isso, a

“igreja”, corpo místico do próprio Cristo, estaria vulnerável a adquirir doenças, se não mantivesse uma autêntica relação como o próprio Cristo.

Para cada doença apontada, o Santo Padre explicita sintomas, que facilitariam aos membros da Cúria Romana diagnosticar de que mal estariam sofrendo e, no fragmento 5, sugere alguns “remédios”, que poderiam imuniza-los contra as doenças referendadas metaforicamente. Ele ainda afirma: “A oração diária, a participação assídua nos sacramentos, especialmente na Eucaristia e na Reconciliação, o contato diário com a Palavra de Deus e a espiritualidade traduzida em caridade vivida são o alimento vital para cada um de nós”. Observamos que o Papa, além de dar o diagnóstico das doenças que acometem sua Igreja, ele, tal qual um médico, receita “remédios”, capazes de reverter o quadro doentio atual de sua Igreja.

Em outro fragmento, mais abaixo, ele diz que o único capaz de curar tais enfermidades é o Espírito Santo:

(21) É preciso deixar claro que o *único que pode curar* qualquer uma destas doenças *é o Espírito Santo*, a alma do Corpo Místico de Cristo, como afirma o Credo Niceno-Constantinopolitano: “Creio no Espírito Santo, *Senhor que dá a vida*”.

Se o Espírito Santo é o único capaz de dar a vida, ele cura aqueles que o buscam para serem libertos de suas enfermidades. Identificamos aqui, mais uma vez, a metáfora ontológica, sendo utilizada pelo Papa; dizendo melhor, podemos dizer que “Espírito Santo é médico” e nossas experiências pessoais nos ensinam que o médico pode curar nossas doenças. Assim, “Espírito Santo” (entidade abstrata) é entendido como “médico” (entidade física/humana).

O fragmento em que o Papa se coloca como médico pode ser metaforicamente entendido pelos católicos do mundo inteiro pois, compartilhando das mesmas crenças, compreendem que, por vontade divina, o próprio Espírito Santo influenciara a escolha de Francisco, o primeiro Papa latino-americano da Igreja Católica. Além disso, esse mesmo Espírito se faz materializado no discurso do Santo Padre. Em síntese, podemos afirmar que o poder inconsciente e sociocognitivo da expressão metafórica construída pelo Papa, manifesta, concretamente, o próprio Espírito de Deus, visível dentro da Igreja Católica.

Lakoff e Johnson (2002) afirmam que nosso sistema conceitual é fundamentalmente metafórico. Dessa premissa, podemos concluir que, embora as metáforas sejam formuladas e configuradas na/pela linguagem, elas recorrem aos modelos mentais, para disseminarem a

ideologia da Igreja, como podemos perceber ao longo de sua história. Sabemos que, desde cedo, o Papa formado nos modelos mentais da ideologia da Igreja Católica recorre às cognições adquiridas desse grupo social que faz parte de sua construção sociocultural, a fim de elaborar um discurso com expressões metafóricas, que reproduzem a ideologia de seu grupo, conforme podemos confirmar pelos estudos de Lakoff & Johnson.

Resta-nos acrescentar, também, que a ideologia para van Dijk (1998) é constituída por aspectos sociais, cognitivos e discursivos. Assim, o modelo de contexto e a ideologia influenciam e determinam diretamente a construção de nosso sistema metafórico, controlando as mentes daqueles que vivenciam experiências idênticas às nossas e submetem-se às nossas crenças. Dessa maneira, dirigindo-se aos cardeais e funcionários do Vaticano, o Papa Francisco, em um evento comunicativo de sua Igreja, quis estabelecer uma relação de autoridade sobre seus subordinados, deixando claro, por meio do emprego de metáforas da realidade de sua instituição, que seu discurso e sua prática de vida são edificados sob o desejo de implantar na Igreja uma ideologia que garanta sua hegemonia.

Considerações finais

Eficientes estratégias de transmissão de ideologia, as metáforas utilizadas no discurso do Papa Francisco revelam sua visão de Igreja e constituem uma marca discursiva dos rumos que tomará “o barco de Pedro” no decorrer do pontificado do primeiro Papa latino-americano da história do cristianismo. Dessa forma, nossas análises apontaram, em um primeiro momento, uma mudança discursiva do Papa, quando revela marcas de um governo peculiar, desejoso de “reconstruir a Igreja de Cristo”. Com base nisso, o Papa visa a manter sua popularidade frente a uma Igreja, cuja imagem estava desprestigiada pela perda de fiéis e pelos escândalos divulgados pela mídia, em um momento em que a informação se apresenta como processo fundamental de legitimação institucional e manutenção de poder.

Embora a Cúria Romana tenha elegido o Papa e desejasse uma Igreja mais aberta e disposta a enfrentar os desafios do início deste milênio, não se poderia prever que o governo da Igreja fosse marcado por um homem que se opusesse a qualquer tipo de abuso de poder e de desigualdade social, contrariando os desejos de uma Igreja autorreferencial.

O Santo Padre por meio da linguagem metafórica, produzida em sua mente e configurada no seu pensamento, manifestou em seu discurso a insatisfação para com aqueles que estavam próximos dele, governando a Igreja. Também, apelou à emoção e ao imaginário de seus interlocutores, a fim de fazê-los aderirem às suas ideias, na tentativa de construir a ideologia revelada três dias após o início de seu governo, “uma Igreja pobre e para os pobres”.

Com seu pensamento criativo e sua capacidade linguística, utilizando-se de metáforas como poderoso instrumento argumentativo e cognitivo, o Sumo Pontífice, configurou, de maneira bem sutil, seu pensamento por meio de um discurso coerente com suas práticas, conseguindo resgatar, num tempo muito curto de pontificado, a credibilidade e a hegemonia da Igreja Católica.

A manifestação discursiva do Papa Francisco mostrou-se, portanto, como um fértil campo de estudo sobre transmissão de ideologia da Igreja Católica que, há tempo, vem perdendo poder hegemônico, embora esteja aberta e disposta a garantir seu lugar na sociedade, mesmo que isso lhe custe desenvolver estratégias linguístico-discursivas mais eficazes como por meio do emprego de metáforas.

Referências

ENCONTRO do Santo Padre com os cardeais e colaboradores da Cúria Romana para a troca de bons votos de Natal. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/papa-francesco_20141222_curia-romana.html. Acesso em 08/09/2015.

JERUSALÉM, *Bíblia de*. São Paulo: Paulus, 2002.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. Coord. da tradução: Mara Sophia Zanotto. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras. São Paulo: Educ, 2002.

PIQUÉ, E. Tradução de Carlos Turdera. *Papa Francisco: vida e revolução*. São Paulo: LeYa, 2014.

VAN DIJK, T. A. *Semântica do discurso e ideologia*. In PEDRO, E. R. (Org.), *Análise Crítica do Discurso – uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997, p. 105-168.

_____. *Ideology: a multidisciplinary approach*. London: SAGE Publications, 1998.

_____. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.